

Juventude e trabalho na pandemia de covid-19

A experiência dos
“*bike-entregadores*” de
aplicativos de *delivery*

Youth and labour in the covid-19 pandemic
The experience of bike-delivery drivers

caíque oliveira*
maria carla corrochano**

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.166.007>

Acervo Depositphotos



As entregas com bicicletas representam o segmento no qual há maior inserção de jovens em todo o Brasil

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.166.007>

RESUMO

Em um contexto de crise econômica e ascensão da uberização no capitalismo brasileiro, os jovens têm encontrado nas plataformas digitais uma forma de inserção profissional. Partindo da importância que a dimensão do trabalho assume na experiência juvenil brasileira e do modo como essa experiência é atravessada pela intersecção das desigualdades de classe social, gênero, cor/“raça” e idade, trata-se aqui de apresentar parte dos resultados de uma pesquisa realizada com entregadores ciclistas que trabalhavam em aplicativos na cidade de São Paulo no contexto da pandemia da covid-19. Por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo, foram realizadas 11 entrevistas com *bikeboys*, entre os anos de 2021 e 2022. Além da precariedade da ocupação, as experiências desses jovens trabalhadores no serviço de “*bike-entregas*” são marcadas pela busca das plataformas em decorrência da dificuldade de encontrar trabalho em um cenário economicamente desfavorável, com exposição a múltiplos riscos no cotidiano e conflitos na combinação entre estudos e trabalho. Na contramão da culpabilização de jovens, sobretudo das periferias urbanas, pela disseminação do vírus, o artigo evidencia que a pandemia acirrou as desigualdades e os desafios vividos pela juventude trabalhadora.

Palavras-chave: Juventude. Trabalho. Plataformas digitais. Pandemia da covid-19.

ABSTRACT

In a context of economic crisis and rise of uberization in Brazilian capitalism, young people have found a possibility of professional insertion on digital platforms. Starting from the importance that the dimension of work takes in the Brazilian youth experience and the way in which this experience is crossed by the intersection of social class, gender, color/race and age inequalities, we present part of the results of a research carried out with cyclist couriers working on apps in the city of São Paulo in the context of the covid-19 pandemic. Through a qualitative research, eleven interviews were carried out with *bikeboys*, between the years 2021 and 2022. In addition to the precariousness of the occupation, the experiences of these young workers in the bike-delivery service are marked by the search for platforms after difficulties in finding work in an economically unfavorable scenario, exposure to multiple risks in everyday life and conflicts in reconciling studies and work. Contrary to blaming young people, especially from the urban peripheries, for the spread of the virus, the article shows that the pandemic has intensified the inequalities and challenges experienced by working youth.

Keywords: Youth. Labour. Digital platforms. Covid-19 pandemic.

1. INTRODUÇÃO

No início de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que a covid-19 havia se transformado em uma pandemia global, já era possível prever que o período vindouro traria mudanças em diversos âmbitos da vida social. A situação gerou impactos sobre a vida da população nas diversas partes do globo, em razão de medidas tais como isolamento e distanciamento social, e intensificou as desigualdades em vários setores para além da saúde.

Apesar de, em muitos momentos, a mídia e outros segmentos da sociedade propagarem uma imagem da juventude como irresponsável, especialmente em referência aos jovens das periferias urbanas, acusando-os de continuarem frequentando festas e baladas e provocando aglomerações e a consequente disseminação do vírus, é necessário considerar que boa parte da juventude brasileira precisou continuar a sair às ruas para trabalhar (CORROCHANO, 2021; CORROCHANO; LACZYNSKI 2021; SOBRINHO; ABRAMO, 2021).

Sem uma ocupação profissional que permitisse o *home office*, e com a diminuição da renda e elevação do desemprego entre familiares, muitos jovens não puderam praticar o autoisolamento: aqueles e aquelas que trabalhavam nos chamados “serviços essenciais” continuaram a trabalhar neles e foram expostos cotidianamente ao risco de contrair a covid-19 (SOBRINHO; ABRAMO, 2021).

Diante de um cenário de crise econômica que se inicia em 2014 e é agravado pela pandemia, diversos jovens encontraram nas plataformas digitais uma possibilidade de obtenção de trabalho e renda. Os serviços oferecidos por plataformas digitais que terceirizam trabalhadores são diversos, contudo, a entrega de mercadorias passou por amplo crescimento de demanda, a ponto de seus trabalhadores serem considerados “essenciais” para a manutenção do isolamento e distanciamento social durante o período pandêmico (GONSALES; MODA; ACCORSI, 2020). As entregas com bicicletas representam o segmento no qual há maior inserção de jovens em todo o Brasil (CUT, 2021; FILGUEIRAS; LIMA, 2020). Os dados existentes para o município de São Paulo também indicam que, além de jovens, os entregadores apresentam um perfil majoritariamente masculino, negro e periférico (ABÍLIO, 2020; ALIANÇA BIKE, 2019).

Este artigo visa contribuir com essas discussões ao investigar as experiências dos “bike-entregadores” na pandemia a partir da ótica da categoria juventude. Para ampliar a lente analítica sobre esse segmento da juventude trabalhadora, a investigação movimenta-se a partir da intersecção das desigualdades que incidem sobre essa experiência laboral juvenil. A pesquisa contou com 11 entrevistas realizadas com “bike-entregadores” e “bike-entregadoras” que trabalhavam para aplicativos de *delivery* na cidade de São Paulo. Considerando-se que a maior parte do projeto foi desenvolvido em meio à pandemia da covid-19, as entrevistas foram realizadas de maneira remota.

O artigo compõe-se de três partes, para além desta introdução e das considerações finais. A próxima parte traz uma breve caracterização do desenvolvimento do fenômeno da uberização no capitalismo. Na terceira parte, apresentam-se algumas notas sobre a metodologia da pesquisa. A seguir, o artigo apresenta dados sobre a experiência desses jovens trabalhadores nas plataformas de entregas durante o cenário pandêmico, sustentando a tese de que tais experiências são emblemáticas do acirramento das desigualdades vividas pelos jovens no mundo do trabalho.

No Sul global, mais especificamente no Brasil, a uberização encontrou um cenário distinto, todavia igualmente ancorado no neoliberalismo. Enquanto no Norte global a uberização se notabiliza por uma produção incessante de vínculos informais de trabalho, no Brasil a uberização encontra um capitalismo já organizado pela informalidade

2. A EMERGÊNCIA DA UBERIZAÇÃO NO CENÁRIO BRASILEIRO

O desenvolvimento das plataformas digitais de trabalho é relativamente recente na história do capitalismo. As transformações no mundo do trabalho na contemporaneidade têm modificado o modo como os indivíduos buscam e vivenciam a própria experiência laboral. Esse é o caso da uberização, fenômeno recente no qual é possível encontrar e realizar trabalhos utilizando o próprio *smartphone*. Acessadas pelo toque na tela do próprio telefone, as plataformas digitais têm levado milhões de pessoas pelo mundo a novas experiências laborais (ROSENBLAT, 2018).

Delimitar características do trabalho nas plataformas envolve recorrer a uma literatura internacional, sobretudo do Norte global (ROSENBLAT, 2018; SLEE, 2017; SRNICEK, 2017). No entanto, deve-se ponderar que a uberização acontece de formas distintas nos países do Norte e do Sul global.

A popularização dos *smartphones* é um fenômeno relevante para a compreensão do avanço dessas plataformas, sobretudo entre os jovens. Sua popularização possibilitou muito mais do que usufruir as funções de um computador no bolso, mas ainda a criação de conexões digitais entre pessoas, demandas e serviços. Por mais que o aparelho telefônico esteja presente entre pessoas de todas as idades, são os jovens que mais utilizam e melhor dominam essas tecnologias (IBGE, 2020).

As plataformas digitais aparecem nesse cenário e ampliam as possibilidades oferecidas pelos *smartphones*. Em síntese, as plataformas de aplicativos são infraestruturas digitais que permitem a interação entre diferentes agentes ou grupos sociais e, assim, possibilitam mediações entre prestadores de serviços, anunciantes e clientes, entre outros agentes posicionados nas mais diversas cadeias de suprimentos (SRNICEK, 2017; VAN DOORN, 2021). Atualmente é possível encontrar aplicativos que fornecem serviços para os diversos âmbitos da vida, atendendo a demandas por alimentação, moradia, transporte, saúde, educação e amor (GROHMANN, 2020; SRNICEK, 2017).

Quanto mais vantagens na legislação as plataformas digitais passaram a obter e, assim, mais foram chamando a atenção, um termo passou a ser utilizado para definir a ascensão dessas empresas no capitalismo: uberização. O fenômeno da uberização se manifesta em empresas que possuem uma estrutura diferente das empresas convencionais, o que impacta diretamente no custo de operação. Uberização nomeia um novo tipo de gestão e controle da força de trabalho, além de constituir uma tendência passível de se generalizar no âmbito das relações laborais das próximas gerações. De acordo com Abílio (2021b, p. 85):

A uberização, na verdade, trata da transformação do trabalhador nesse profissional *just-in-time*. Acho que essa é uma forma de resumir a história, mas é uma definição complexa. A ideia do trabalhador *just-in-time* é consolidar uma forma de subordinação e gerenciamento do trabalho inteiramente apoiada em um trabalhador desprotegido. E essa desproteção é mais perversa do que a simples ausência de direitos, de uma formalização da jornada. É um trabalho totalmente desprotegido em termos legais porque o trabalhador é transformado em um autogerente de si próprio [*sic*], que não conta com nenhuma garantia associada às leis trabalhistas. Mas penso que isso seja algo ainda mais profundo, que vai além do caráter da desproteção. Há a ideia de que é possível construir uma multidão de trabalhadores disponíveis, que podem ser recrutados pelos meios tecnológicos existentes hoje. Então eles são recrutados na exata medida das demandas das empresas ou do capital, se quisermos falar de uma forma mais genérica, não dispondo de garantia alguma sobre a própria forma de reprodução social.

O funcionamento das plataformas guarda semelhanças com o sistema de produção *just-in-time*: trabalhar conforme a demanda corresponde a estar disponível para aquilo que o aplicativo disponibiliza. As técnicas do sistema *just-in-time* foram parte de um processo de reestruturação produtiva que transformou o trabalho no capitalismo. No caso das plataformas digitais, em alguns países — dentre eles o Brasil — os entregadores são remunerados apenas pela tarefa que foi executada, isentando as plataformas de qualquer responsabilidade sobre o tempo despedido pelos trabalhadores à espera de pedidos (ABÍLIO, 2021b).

Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, a uberização encontrou base na crise econômica e financeira de 2008. Após esse período, enquanto os países optaram por salvar bancos e flexibilizar ou manter flexível a proteção social aos trabalhadores, emergiu um cenário de empregos sem regulamentação. Essa nova economia baseada em atividades de meio período e pouca — ou nenhuma — estabilidade foi chamada pelos analistas de *gig economy*, ou economia dos “bicos” (GARCIA-PARPET; BEVILAQUA, 2020). Na *gig economy*, as plataformas de aplicativos encontraram terreno fértil para se desenvolver, como alternativa para os trabalhadores obterem alguma ocupação que lhes possibilite a obtenção de alguma renda. Empresas como a Uber exploraram esse cenário e desenvolveram negócios bilionários (SLEE, 2017).

No Sul global, mais especificamente no Brasil, a uberização encontrou um cenário distinto, todavia igualmente ancorado no neoliberalismo. Enquanto no Norte global a uberização se notabiliza por uma produção incessante de vínculos informais de trabalho, no Brasil a uberização encontra um capitalismo já organizado pela informalidade. Este artigo segue as preocupações que apontam a importância da informalidade para a implantação dessas plataformas digitais no Brasil (ABÍLIO, 2020; LIMA; BRIDI, 2019; LIMA; OLIVEIRA, 2021).

No período de crise pós-2014, a reforma trabalhista contida na lei nº 13.467 de 2017, trouxe novos elementos de precariedade e impacto para as relações de trabalho no

Brasil. Afora a possibilidade de terceirização de todas as atividades da empresa, após a mudança na legislação emergiram novas tipificações, como o “trabalho intermitente” e o do “autônomo exclusivo”. Esses tipos de trabalho têm lógicas que se aproximam das lógicas de flexibilização e precarização que orientam as plataformas digitais (LIMA; OLIVEIRA, 2021).

A uberização, portanto, ao realizar uma dispersão controlada do trabalho, na medida em que catalisa novas formas de terceirização e de transferência de riscos e custos, tem papel importante na consolidação de uma condição laboral que combina informação e informalidade (ABÍLIO; AMORIM; GROHMANN, 2021). Mais especificamente no caso brasileiro, a uberização se desenvolve em um terreno no qual os direitos trabalhistas não são a regra e a legislação recente corrobora modelos de gestão pautados pela terceirização e flexibilização.

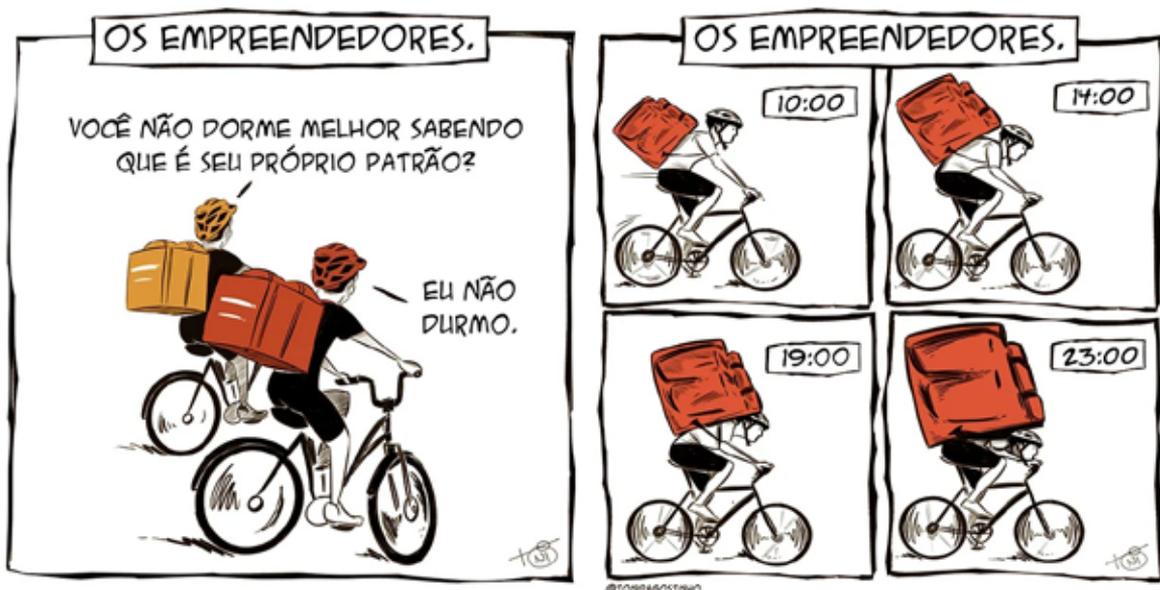
3. A PESQUISA

Há um conjunto importante de pesquisas de natureza quantitativa que exploram o perfil e a condição dos entregadores (ABÍLIO, 2020; ALIANÇA BIKE, 2019; CUT, 2021; FILGUEIRAS; LIMA, 2020). Dado que as plataformas não disponibilizam informações sobre o número de entregadores ativos, seu perfil e suas condições laborais, é preciso um esforço para mapear esses aspectos, realizando pesquisas empíricas com os próprios trabalhadores. A própria inércia dos órgãos públicos de fiscalização, aliada ao *modus operandi* dessas plataformas, dificulta a captação e exposição de dados e a realização de pesquisas de natureza documental.

Ao lado da condição de classe, as categorias *idade*, *gênero* e *cor/“raça”* são relevantes na análise do perfil e das condições de trabalho dos “bike-entregadores” na cidade de São Paulo. Os dados atestam que aproximadamente 3 em cada 4 “bike-entregadores” têm entre 15 e 29 anos (ALIANÇA BIKE, 2019). Além de jovens, pode-se dizer que o perfil desses trabalhadores é masculino e negro: os homens representam mais de 90% deles, e as pessoas negras — autodeclaradas pardas ou pretas —, mais de 70%. É relevante destacar que, no caso da cidade de São Paulo, a maioria desses jovens reside na periferia e se desloca até o centro da cidade para ligar os aplicativos (ABÍLIO, 2021; ALIANÇA BIKE, 2019).

Assim, o marcador social *idade*, explorado a partir da categoria *juventude*, permite uma ampliação do olhar sobre esses trabalhadores. Por mais que a maior parte dos estudos que investigam a juventude vincule essa fase da vida ao processo de escolarização, básica ou superior, no Brasil, é relevante dizer que “o trabalho também faz juventude” (SPOSITO, 2005, p. 124), haja vista que muitos dos jovens brasileiros experimentam esse momento da vida inseridos de forma ativa no mundo do trabalho e, em alguns casos, frequentando concomitantemente a escola (ABRAMO; VENTURI; CORROCHANO, 2020; CORROCHANO, 2013; GUIMARÃES, 2005). Como ponto de partida desta análise, entendemos que é necessário identificar as possibilidades, potencialidades e impasses desse contexto histórico e social brasileiro que incide sobre as experiências dos jovens *bikeboys*.

No intuito de explorar o fato de que a juventude é múltipla, sendo comum inclusive falar em *juventudes*, no plural, a apresentação dos dados será inspirada pelas contribuições da interseccionalidade (COLLINS, 2022; COLLINS; BILGE 2021). No caso dos *bikeboys*, trata-se de uma juventude negra, masculina e periférica. A contextualização a partir das relações de gênero e étnico-raciais torna-se relevante para compreender essas experiências

Reprodução: <https://www.acaricatura.com.br/>

Charges da série “Os empreendedores”, do cartunista Toni D’Agostinho

laborais, pois, mais do que incluir a observação de estruturas que promovem desigualdades, a perspectiva interseccional possibilita conceber os sujeitos com base em matrizes de análise de opressão que investem de maior complexidade a concepção de classe trabalhadora (ANDERSEN; COLLINS, 2007).

A compreensão da experiência desses jovens com o trabalho se realiza a partir de uma articulação entre elementos macrossociais e microssociais (REVEL, 1998). Os dados relativos aos elementos macro foram obtidos por meio de fontes documentais como o IBGE, relatórios do Ipea e outras fontes que possibilitam descrever a situação dos jovens no capitalismo brasileiro. Já os dados da dimensão micro foram produzidos a partir de entrevistas com jovens “bike-entregadores” realizadas entre 2021 e 2022¹.

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa mais ampla, de caráter qualitativo, que contou com 11 entrevistas realizadas com “bike-entregadores” que trabalhavam para aplicativos. A maior parte do estudo, até o momento, foi desenvolvida em meio a restrições de circulação ocasionadas pela epidemia da covid-19. Por essa razão, as entrevistas foram realizadas de maneira remota por via do Google Meet, seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e do Núcleo Executivo de Vigilância em Saúde (Nevs) da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos)². A todos os entrevistados foram atribuídos nomes fictícios, na perspectiva de preservar seu anonimato.

O perfil dos 11 interlocutores corrobora as pesquisas quantitativas supracitadas: eles são, em sua maioria, jovens, homens e negros. A quase totalidade deles tinha idades entre 18 e 29 anos, dos quais 5 tinham entre 18 e 24 anos, 5 entre 25 e 29 anos, e 1 tinha 32 anos. A maioria (8) também se declarou do sexo masculino. Em relação à autodeclaração de

¹ No desenvolvimento do projeto foram utilizadas ainda outras fontes, como a observação em redes sociais e *in loco* nos espaços de trabalho. Porém, os dados produzidos a partir desses métodos não irão compor as evidências que embasam os argumentos deste artigo.

² O projeto que deu origem a este artigo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar em 2021 (processo 40185820.8.0000.5504).

cor/“raça”, 4 se identificaram como pardos, 3 como brancos, 2 como pretos, 1 como amarela e 1 como indígena.

A entrevista é uma ferramenta tradicionalmente utilizada, entendida como capaz de captar as percepções e atitudes diante de um determinado fenômeno (VINCENT, 2011). Sua realização de forma remota também se apresentou como um desafio para alguns dos interlocutores, dado que nem todos tinham familiaridade com a ferramenta ou se sentiam confortáveis com o formato.

As redes sociais foram importantes aliadas durante as primeiras aproximações com os jovens entregadores. Dada a necessidade de isolamento e distanciamento social, foi preciso buscar meios digitais tanto para encontrar os trabalhadores quanto para estabelecer diálogo com eles, na perspectiva da produção de dados. Páginas de entregadores e grupos formados por eles na internet³ multiplicaram-se no período, tornando esses meios viáveis para aproximações com os participantes.

Para fazer uma delimitação espacial, tomaram-se como referência “*bike-entregadores*” que atuam ou atuaram na cidade de São Paulo. A cidade está entre as mais populosas do mundo, com pouco mais de 12 milhões de habitantes, e é um importante centro financeiro do Brasil, sendo responsável pelo maior PIB nominal entre os municípios brasileiros (IBGE, 2023). Nas palavras de Silva (2006, p. 26), “São Paulo é uma cidade contraditória, apesar de possuir [*sic*] grande desenvolvimento econômico e financeiro, concentra também polos de exclusão e pobreza”. A cidade tem sido palco de muitas mobilizações de entregadores em defesa de seus direitos enquanto trabalhadores de aplicativos (MAIA, 2020).

4. JOVENS TRABALHANDO COMO “BIKE-ENTREGADORES” DURANTE A PANDEMIA

Apesar da visibilidade e da importância que os entregadores alcançaram no período pandêmico, o cenário que tornou o trabalho nos aplicativos uma possibilidade de obtenção de renda entre os jovens é anterior. Antes de tomar a pandemia como um marco de mudanças, é importante considerar o contexto que lançou as bases daquilo que foi aprofundado durante os anos de 2020 e 2021. Desde pouco antes do golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff⁴, o Brasil estava perdendo o fôlego do crescimento alcançado no fim da primeira década dos anos 2000 (COURSEUIL; FRANCA; POLOPONSKY, 2018). Mesmo com as mudanças ocorridas no cenário político e a aprovação de projetos de lei que visavam “modernizar” e “gerar emprego”, o país apresentou índices econômicos baixos, ainda que positivos, de modo que “a desejada aceleração do crescimento não se consolidou” (SABOIA et al., 2021, p. 5).

O cenário, que já era desafiador, ficou ainda mais crítico quando a OMS declarou estado de pandemia em 11 de março de 2020. Os impactos desse estado na economia sobressaem a qualquer outra crise econômica no Brasil (SABOIA et al., 2021). A necessidade de distanciamento e isolamento social trouxe implicações para múltiplas esferas da vida social. Logo, diante do desa-

³ No início de 2020, jornalistas responsáveis pela série “Retratos”, do UOL, passaram um dia em grupos de WhatsApp e Facebook investigando as interações entre os entregadores e constatando suas dificuldades, mas também os momentos de colaboração e diversão entre eles (EIRAS, 2020).

⁴ Embora a palavra *impeachment* tenha uma conotação mais técnica e cause menos polêmica, é necessário ressaltar que, após anos do ocorrido, um dos membros da suprema corte brasileira apontou em artigo (BARROSO, 2022) que a justificativa para o impedimento da presidenta Dilma Rousseff não tinha bases legais, de modo que a destituição ocorreu por fins “políticos”.

quecimento da economia e dos efeitos negativos na renda das camadas populares, foi aprovado em âmbito federal um benefício financeiro garantido por programas de transferência de renda para minimizar os impactos sobre as famílias. Todavia, o valor do auxílio não foi suficiente para manter as famílias em isolamento. Vários trabalhadores continuaram precisando sair de casa para buscar outras fontes de renda, por via de aplicativos.

— Como foi o período da pandemia para você?

— Cara, [não vou] falar que eu fiquei em casa, [porque] não fiquei, mano, porque vários entregadores continuaram trabalhando [“Breno”, 22 anos, pardo, ensino fundamental incompleto].

— Eu até tentei fazer isolamento, mas sabe quando a porca começa a torcer o rabo? E aí não teve jeito, tive que começar a sair para fazer entregas. No início da pandemia foi mais assustador, porque você não via pessoas na rua. Aí, quando começou a estourar o uso de máscara e do álcool em gel para [o povo] se prevenir, você não via os aplicativos fazerem nada [...]. Era você e você [por si só] [“Jonas”, 32 anos, pardo, ensino médio completo].

Com o agravamento do desemprego, aumento da informalidade, diminuição da renda e um cenário global de transformações em várias esferas da vida, o cenário pandêmico tornou a relação dos jovens com o trabalho ainda mais complexa e desigual

O isolamento social variou segundo critérios étnico-raciais. Segundo Prates et al. (2021), enquanto no início de maio de 2020 a proporção de trabalhadores brancos em trabalho remoto foi de 17,9%, entre trabalhadores negros — pretos e pardos — o mesmo índice foi de 9%, praticamente a metade. Ao final de novembro, reduziu-se a 12,4% entre os trabalhadores brancos e 6% para os trabalhadores negros. Vale lembrar que os “*bike*-entregadores” compõem um segmento com predomínio da presença de jovens negros. Os autores acrescentam que a jornada laboral em *home office* também contribuiu para evidenciar as desigualdades raciais na educação:

o exercício do *home office* evidencia a histórica desigualdade racial ao longo das trajetórias educacionais. Embora o percentual de pessoas negras e brancas com ensino superior em situação de *home office* seja muito semelhante (39,7% e 34,3%, respectivamente), o percentual de trabalhadores brancos com diploma de ensino superior (33,5%) é o dobro do de trabalhadores negros (16,6%) (PRATES et al., 2021, p. 19).

Por mais que o Brasil tenha vivenciado os primeiros casos da covid-19 de maneira mais tardia que países da Ásia ou Europa, a necessidade de ficar em casa e trabalhar na própria residência se consumou no país como um privilégio. Privilégio associado à natureza das



A busca de emprego em aplicativos por dificuldade de encontrar trabalho já era identificada antes mesmo do cenário pandêmico

atividades, tal como nos setores da educação, finanças e gestão, algumas profissões liberais e alguns segmentos do setor público, todos eles marcados historicamente por desigualdades raciais (PRATES et al., 2021).

De maneira geral, os jovens que continuaram a trabalhar na pandemia da covid-19 foram majoritariamente aqueles que contavam com menor proteção trabalhista. Conforme apontam Carvalho e Nogueira (2020), os efeitos negativos da pandemia no Brasil foram mais agudos entre os trabalhadores sem carteira assinada e os trabalhadores por conta própria. Mais expostos e também com menor renda, os jovens que estavam na informalidade tiveram os rendimentos mais afetados do que aqueles que tinham carteira assinada (OIT, 2020).

O desaquecimento contínuo da economia contribuiu para intensificar o desemprego dos jovens em todas as faixas etárias, e de maneira expressiva entre os mais novos. O desemprego na faixa etária entre 15 e 29 anos saiu de um patamar de 13,4% em 2012, que já era considerado alto, para 22,2% em 2019 e 30% em 2021, no contexto da pandemia (IBGE, s.d.).

Com o agravamento do desemprego, aumento da informalidade, diminuição da renda e um cenário global de transformações em várias esferas da vida, o cenário pandêmico tornou a relação dos jovens com o trabalho ainda mais complexa e desigual. Não obstante, o termo *geração lockdown*, a despeito das controvérsias que suscita, ganhou espaço no atual contexto (CORROCHANO; LACZYNSKI, 2021). O setor de entregas por aplicativos, no entanto, continuou a crescer durante a restrição da circulação (GONSALES; MODA; ACCORSI, 2020).

Considerando os jovens entrevistados por nossa pesquisa, verificou-se que têm uma trajetória ocupacional semelhante às trajetórias laborais de boa parte da juventude trabalhadora do Brasil. Entre os 11 entrevistados, 4 trabalharam em *call centers* antes de se inserirem no trabalho por aplicativos, segmento marcado pela significativa presença juvenil (MOCE-

LIN; SILVA, 2008); outros 2 jovens haviam atuado como aprendizes e foram desligados por fim de contrato ou suspensão por conta da crise ocasionada pela covid-19, 2 jovens consideraram as plataformas sua primeira experiência laboral, 1 jovem passara pelo comércio antes das plataformas, 1 jovem trabalhara em restaurantes por conta de uma formação em gastronomia — no caso, a única participante com ensino superior — e outra jovem trabalhara anteriormente em uma rede de *fast food* — outro segmento com ampla participação juvenil (REIS, 2012) — e, diante do desemprego, ingressou no ramo dos aplicativos.

Os dados apresentados por Venturi e Torini (2014) revelam que os principais obstáculos apontados pelos jovens para conseguir um emprego são a escassez de postos de trabalho e não ter experiência profissional comprovada. Tais obstáculos aparecem na fala uma “*bike-entregadora*”:

— E como foi essa procura por trabalho antes do aplicativo?

— Foi bem ruim, por conta dessa questão do ensino médio [de não o ter completado] e por ser começo de covid. Ninguém queria contratar assim, sabe? O comércio estava até botando na rua quem já estava [empregado], então não estava pensando em contratar. Então eu vi que questão de CLT [emprego formal] eu não iria conseguir de jeito nenhum. Na época, tentei, mandei vários currículos [...], muitos... Um mês antes de acabar meu contrato [de aprendiz] no banco, eu já comecei a largar [distribuir] currículo[s], e nada, e nada [de conseguir emprego]... Sem [que o candidato ao emprego tenha] no mínimo o ensino médio, ninguém [o] aceita [“Louise”, 19 anos, branca, ensino médio incompleto].

A busca de emprego em aplicativos por dificuldade de encontrar trabalho já era identificada antes mesmo do cenário pandêmico. Constatou-se anteriormente que o principal motivador para o ingresso nos aplicativos foi o desemprego (ALIANÇA BIKE, 2019). No caso dos entrevistados para esta pesquisa, a pouca idade — faixa etária entre 18 e 24 anos —, a pouca experiência profissional e a baixa escolaridade são barreiras percebidas pelos entrevistados na busca de emprego no mercado formal. Entre os 5 jovens mais novos, somente 1 estava cursando o ensino superior, e outros 2 afirmaram que os aplicativos foram sua primeira experiência laboral. Ao buscarem as plataformas como primeira experiência de trabalho, alguns desses jovens procuravam enfrentar o peso da falta de experiência e da baixa escolaridade, ou seja, as razões para o chamado “desemprego de inserção” (POCHMANN, 2007), uma vez que nem escolaridade nem experiência são requisitos para o ingresso nesse tipo de ocupação.

Para começar a trabalhar nas plataformas de *delivery*, os jovens passam por um processo relativamente simples de inserção. Diferentemente de outros tipos de trabalho, especialmente nos empregos do setor formal, as plataformas de aplicativos fazem poucas exigências aos indivíduos interessados. Solicita-se a eles um cadastro, feito de maneira remota em relação à filial da empresa, por meio do *smartphone*. No processo de cadastramento, são requeridas poucas informações dos candidatos. Não é necessário submeter nenhum tipo de currículo com qualificações profissionais ou experiências laborais: são demandados apenas documentos e informações pessoais. Após o cadastro é necessário apenas esperar a aprovação para começar a fazer entregas. Portanto, as formas de inserção nessas plataformas configuram espaços nos quais ser jovem não significa necessariamente uma barreira de ingresso, inclusive esse é um dos elementos que faz esse espaço ter uma tendência à juvenização.

Além do desemprego, a necessidade de obter renda para enfrentar os desafios de sobreviver na pandemia também apareceu nas entrevistas com os entregadores.

Hoje um dos principais desafios que a gente tem é manter a casa e a família... Tenho uma enteada de 15 anos, minha filha de 2 anos e meio, minha esposa, e eu moro na casa da minha sogra com bastante gente, então a gente divide as contas, e o principal desafio da gente hoje é manter as contas em dia. A gente está em uma situação em que tem que escolher qual conta vai atrasar... Nós estamos vivendo igual [a personagens da série] *Squid game*, [ou] *Round 6*: “Vai que vai, não pensa em fraquejar não, se fraquejar, morre!” [“Jonas”, 32 anos, pardo, ensino médio completo].

A fala de “Jonas” é importante para ponderar sobre as motivações que levaram milhões de brasileiros a circular nas ruas para trabalhar durante o período mais agressivo da covid-19: entre os principais motivos, está obter renda para manter as necessidades básicas, tais como alimentação e moradia, não só dos próprios trabalhadores, mas também de suas respectivas famílias. As vulnerabilidades foram ampliadas ao longo da crise vivenciada durante a pandemia da covid-19, o acesso à alimentação tornou-se mais difícil e os índices de insegurança alimentar se elevaram (JAIME, 2020).

Uma vez ativos nas plataformas de *delivery*, os jovens “*bike*-entregadores” precisam enfrentar uma série de situações de precariedade. Diversos estudos indicam que as experiências nas plataformas de entregas são notadamente marcadas por precariedade e novas formas de controle (ABÍLIO, 2020; CUT, 2021; MORAES; OLIVEIRA; ACCORSI, 2019). Essa é uma atividade cuja remuneração varia de acordo com as entregas realizadas e é desprovida de direitos trabalhistas; ademais, há poucos espaços com fornecimento de condições mínimas para higiene, alimentação e abrigo. Os instrumentos de trabalho e os equipamentos de proteção individual são responsabilidade dos próprios entregadores, e a assistência dada em caso de acidentes não cobre os custos de conserto dos equipamentos nem as despesas familiares durante o período de afastamento.

Além da precariedade do vínculo, os jovens enfrentam situações de risco no trabalho de entregas. A ameaça física a esses trabalhadores atravessa sua experiência, sejam motociclistas, ciclistas ou pedestres entregadores. Os riscos são múltiplos quando as ruas da cidade de São Paulo são o espaço laboral, e foram sintetizados por um dos interlocutores da pesquisa:

- Você considera seu trabalho arriscado?
- Sim, mano, nossa, muito! Risco de roubo, risco de acidentes, risco de morte... O mais pesado, assim, é morte, “tá ligado”? Eu já tive amigo entregador que morreu nas entregas, um outro amigo meu que sofreu acidente, também... [“Breno”, 22 anos, pardo, ensino fundamental incompleto]

Na experiência de trabalho durante o período pandêmico, somam-se os riscos derivados da própria ocupação — pedalar pelo trânsito paulistano — aos riscos de contrair o vírus. Durante o mês de abril de 2021, o Brasil bateu o recorde no número de mortes por conta da covid-19, registrando um total de 4.195 mortes diárias (BRASIL, 2023). No dia 6 desse mesmo mês, ao entrevistarmos um jovem imigrante entregador, notamos sua preocupação com a contaminação viral no período:

- Você considera seu trabalho arriscado?
- Mais agora, com esse coronavírus, né? Às vezes, em que a gente tem que entrar no

Reprodução: Youtube



Além da precariedade do vínculo, os jovens enfrentam situações de risco no trabalho de entregas. Acima, imagens de entregador sendo agredido por cliente em Manaus (AM), fevereiro de 2022

shopping, tem que deixar a *bag* embaixo [na recepção do edifício]. Aí o pedido [em] que [se] tocou passa de mão em mão. A gente está sendo portador do vírus. A gente tem que pegar o pedido da mão do atendente e colocar na *bag*, que fica fora do *shopping*. Aí a gente tem contato com o pacote da entrega [...], fica todo dia na rua, tem risco com o vírus. Agora também, com essa questão do vírus, eu evito ficar perto dos entregadores, porque nem todos que estão juntos usam máscara, aí eles tiram a máscara, começam a falar e, como estão perto, estão sendo portadores do vírus. Não dá para saber, podem estar compartilhando o vírus ou não, por isso eu não gosto de ficar muito perto deles. Aí é uma questão de perigo... [“Antônio”, 26 anos, preto, ensino médio completo]

Em geral, na pergunta sobre os riscos, os jovens tendiam a enfatizar os perigos enfrentados nas entregas, porém, na resposta de “Antônio”, há também uma preocupação com medidas preventivas, tais como lavar as mãos e usar álcool em gel. O trabalho nos aplicativos carece de uma estrutura institucional em que os trabalhadores contam com uma torneira com água encanada e insumos de higiene para lavar as mãos. Na maior parte das vezes, eles precisam fazer isso nas instalações dos restaurantes em que coletam os pedidos, o que se torna um problema, pois nem sempre os estabelecimentos oferecem medidas protetivas ou permitem que os entregadores façam uso da infraestrutura local.

Mesmo durante as fases mais restritivas, em que diversos estabelecimentos comerciais estiveram fechados para o público ou quando a prefeitura da cidade decretou a chamada “fase roxa”⁵, em que hospitais já não possuíam leitos, nem unidades de tratamento intensivo (UTIs) suficientes, os entregadores continuaram saindo às ruas.

Sobre esse ponto, os jovens também expressaram a preocupação com a possibilidade de contaminar os próprios familiares ao prosseguir circulando. Nas palavras de “Rodrigo” e “Júlio”:

⁵ A definição dos critérios de cada fase pode ser conhecida em Gomes (2021).

— O período da pandemia para mim foi muito desafiador, sabe? Ao mesmo tempo que eu estava com medo, mas não por mim. Porque eu sempre vou trabalhar... O problema é a minha família, minha avó, todo mundo. Eu consigo. O problema é eu pegar o vírus e transmitir para eles... Isso é que era mais uma [a maior] preocupação [“Rodrigo”, 19 anos, pardo, cursando ensino superior].

— Eu acho interessante trabalhar na rua, ainda mais neste momento da pandemia, você acaba ajudando muitas pessoas. Tem muita gente que neste momento não pode fazer compra no mercado. Então, além de você se colocar em risco nesta pandemia, se não fossem as entregas, eu não estaria saindo de casa, posso correr o risco de trazer a doença aqui para dentro de casa. Então eu vejo que os entregadores são realmente guerreiros. Se hoje você vai ao mercado, boa parte das pessoas no mercado são entregadores, a maioria dos entregadores fazendo compras para as pessoas [...]. A política com os entregadores é muito desfavorável, a gente acaba recebendo pouco e trabalhando muito... É muito complicado, mas é o que tem no momento [“Júlio”, 27 anos, branco, ensino médio completo].

Diante da exploração das plataformas e do cenário pandêmico, durante o ano de 2020, duas grandes paralisações da categoria, de abrangência nacional — e até internacional —, foram realizadas para contestar as condições laborais. Intitulado “Breque dos apps”, o movimento teve seu primeiro ato em 1º de julho e o segundo no dia 25 de julho. A ampla adesão de entregadores e o conjunto expressivo de denúncias, bem como o apoio de usuários das plataformas por meio das redes sociais, repercutiram em diversos meios de comunicação (CASTRO, 2021). Entre as reivindicações, estavam: aumento do valor pago por quilômetro rodado; aumento da remuneração mínima por entrega; fim do bloqueio de entregadores sem justificativa nem possibilidade de recurso; fim da função de operador logístico (OL)⁶; concessão de seguro contra roubo ou acidente; e providências para zelar pela integridade dos entregadores durante a pandemia. Tais medidas foram apenas parcialmente atendidas por algumas plataformas.

Apenas dois anos depois, quando o país já registrava mais de 600 mil óbitos por covid-19, foi sancionada a lei nº 14.297, de 5 de janeiro de 2022, determinando que os estabelecimentos permitam ao entregador a utilização de suas instalações sanitárias e o acesso a água potável. A referida lei também estabeleceu que as plataformas devem pagar ao entregador afastado por covid-19 uma remuneração equivalente à média dos três últimos pagamentos mensais recebidos, ao longo de 15 dias, para que lhe seja possível manter o isolamento, compensando os dias em que não pôde sair às ruas para trabalhar.

Os jovens “bike-entregadores” também enfrentaram dificuldades na combinação entre trabalho e estudos. Apesar da possibilidade de “fazer o próprio horário”, estudar e trabalhar é um desafio para esses jovens, dado o desgaste físico de pedalar aproximadamente 40 quilômetros por dia. No cenário pandêmico essa situação foi agravada, seja por eles terem de passar mais horas trabalhando, seja pelas dificuldades de conexão, pela baixa qualidade de seus equipamentos ou por sua inadequação ao formato das aulas remotas. Entre os 11 inter-

⁶ A função de OL (operador logístico) é uma modalidade de uma das plataformas disponíveis que torna mais estáveis as rotinas do entregador de serviços de *delivery*. Um entregador que atua nessa modalidade precisa inicialmente entrar em contato com uma empresa terceirizada que mantém um grupo de entregadores em determinados pontos da cidade. Após ter o cadastro ativado na função OL, a rotina de trabalho do entregador passa a ser mediada pela empresa terceirizada.

locutores, apenas 1 estava estudando e trabalhando. Por outro lado, “Louise”, de 19 anos, interrompeu seu curso no ensino médio; “Paola”, 24 anos, e “Jonas”, 32 anos, deixaram de frequentar a universidade na chegada da pandemia. Várias análises enfatizaram o aumento da evasão escolar no contexto do distanciamento e isolamento (NERI; OSÓRIO, 2021; UNICEF, 2021), embora ainda faltem estudos que considerem a heterogeneidade da juventude na análise desses processos. No caso dos entregadores aqui entrevistados, dentre as razões para a interrupção dos estudos foram apontados cansaço, ansiedade, estresse, dificuldade de aprender, falta de tempo e, no caso daqueles que estudavam em instituições privadas, dificuldades financeiras para arcar com o valor das mensalidades (NUNES, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se durante a pandemia os estereótipos atribuídos aos jovens foram reforçados como forma de culpabilizar esses indivíduos pela continuidade da disseminação do vírus, os dados apresentados evidenciam o fato de que uma parcela significativa da juventude precisou continuar saindo às ruas para trabalhar, sendo muito mais exposta aos riscos de contaminação. Ao mesmo tempo, é necessário ponderar as possíveis omissões e as estratégias ineficazes tomadas pelo poder público durante o período pandêmico para conter o avanço do vírus (BRASIL, 2021).

Diversas análises já constataram que o trabalho nas plataformas digitais suscita experiências de precariedade e exploração. A partir da categoria *juventude*, este artigo conclui que o cenário de crise econômica afetou os jovens de maneira específica, de maneira que a dinâmica de inserção nas plataformas de entregas tornou essa ocupação uma possibilidade para parte da juventude trabalhadora.

Trabalhar com entregas em empresas de aplicativos de *delivery* envolve expor-se a diversos riscos, tais como acidentes de trânsito ou violência urbana. Porém, no contexto da covid-19, acrescentou-se o risco de contaminação pelo vírus. Durante o período com os maiores índices de óbito registrados na pandemia, esses jovens permaneceram nas ruas tra-

Trabalhar com entregas em empresas de aplicativos de *delivery* envolve expor-se a diversos riscos, tais como acidentes de trânsito ou violência urbana. Porém, no contexto da covid-19, acrescentou-se o risco de contaminação pelo vírus. Durante o período com os maiores índices de óbito registrados na pandemia, esses jovens permaneceram nas ruas trabalhando, mas também se manifestando



“Breque dos apps”: movimento grevista de entregadores de aplicativos, durante manifestação realizada em frente à Câmara Municipal de São Paulo (SP), em julho de 2020

balhando, mas também se manifestando. Todavia, algumas das reivindicações desses trabalhadores só foram atendidas após a vacinação em massa e a retomada de diversas atividades de forma presencial a partir da promulgação da lei nº 14.297, de 2022.

Apesar das promessas de flexibilidade e autonomia feitas pelas empresas de aplicativos, contabilizamos entre os interlocutores mais relatos de interrupção dos estudos do que de matrículas, efeito das extensas e intensas jornadas de trabalho a que esses jovens estavam submetidos.

Por fim, o artigo evidencia que a pandemia da covid-19 acirrou as desigualdades e os desafios vividos pela juventude trabalhadora. Para além de considerar a heterogeneidade que compõe a categoria *juventude*, bem como o próprio perfil desses jovens “*bike-entregadores*”, ressalta-se a importância de realizar estudos que contemplem as possibilidades interpretativas da interseccionalidade na reflexão sobre a condição juvenil, particularmente no mundo do trabalho.

* Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba (PPGEd-So-UFSCar). *E-mail*: caique.diogo@outlook.com.br

** Professora associada do Departamento de Ciências Humanas e Educação e docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Estudos da Condição Humana da UFSCar – *campus* Sorocaba. Bolsista Produtividade do CNPq – nível 2. *E-mail*: mcarla@ufscar.br

A pesquisa em que baseia este artigo conta com apoio da Capes e do CNPq.

► Texto recebido em 15 de fevereiro de 2023; aprovado em 16 de fevereiro de 2023.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Relatório de pesquisa: informalidade e periferia no Brasil contemporâneo. In: MARQUES, Léa (Org.). **Trajétórias da informalidade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021a. p. 13-39.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização como apropriação do modo de vida periférico. In: GROHMANN, Rafael (Org.). **Os laboratórios do trabalho digital**: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021b. p. 85-91.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica. Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. **Novos Estudos Cebrap**, v. 39, p. 579-597, 2020.

_____; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 23, n. 57, p. 26-56, 2021.

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 523-542, set.-dez. 2020.

ALIANÇA BIKE. **Pesquisa do perfil dos entregadores ciclistas de aplicativo**. São Paulo: Aliança Bike, 2019. Disponível em: <http://aliancabike.org.br/wp-content/uploads/2020/04/relatorio_s2.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ANDERSEN, Margaret L.; COLLINS, Patricia Hill. Why race, class, and gender still matter. In: _____. (Org.). **Race, class, and gender**: an anthology. 6. ed. Belmont: Thomson Wadsworth, 2007. p. 1-16.

BARROSO, Luís Roberto. A democracia sob pressão: o que está acontecendo no mundo e no Brasil. **Cebri**, Rio de Janeiro, v. 1, jan.-mar. 2022.

BORGES, Ângela. As novas configurações do mercado de trabalho urbano no Brasil: notas para discussão. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 60, p. 619-632, set.-dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>. Acesso em: 16 fev. 2023.

BRASIL. Senado Federal. **CPI da Pandemia**: relatório final. Brasília: Senado Federal, 26 out. 2021. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/72c805d-3-888b-4228-8682-260175471243>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CARVALHO, Sandro Sacchet de; NOGUEIRA, Mauro Oddo. O trabalho precário e a pandemia: os grupos de risco na economia do trabalho. **Boletim Mercado de Trabalho**, Brasília, v. 26, n. 70, p. 50-68, 2020.

CASTRO, Matheus Fernandes de. A pandemia e os entregadores por aplicativo. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, p. 20, n. 1, p. 70-80, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

_____; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Revista de Avaliação do Ensino Superior**, v. 18, p. 23-44, 2013.

_____. Pandemia e condição juvenil: o futuro também é o agora. **Blog SBS**, 27 ago. 2021. Disponível em: <<https://sbsociologia.com.br/pandemia-e-condicao-juvenil-o-futuro-tambem-e-o-agora>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CORROCHANO, Maria Carla; ABRAMO, Laís Wendel. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 22, n. 47, p. 110-129, 2016.

CORROCHANO, Maria Carla; LACZYNSKI, Patricia. Coletivos juvenis nas periferias: trabalho e engajamento em tempos de crise. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2021.

CORSEUIL, Carlos Henrique; FRANCA, Máira Penna; POLOPONSKY, Katcha. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 501-520, set.-dez. 2020.

_____. **Uma interpretação para a forte aceleração da taxa de desemprego entre jovens**. Brasília: Ipea, 2018. (Nota Técnica Mercado de Trabalho, n. 64).

COSTA, Henrique. O empreendedorismo popular está em ascensão nas periferias: entrevista com Henrique Costa. [Entrevista cedida a] Patricia Fachin. **IHU**, São Leopoldo, 7 out. 2020. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/603528-o-empreendedorismo-popular-esta-em-ascensao-nas-periferias-entrevista-especial-com-henrique-costa>. Acesso em: 11 jan. 2023.

CUT. **Condições de trabalho, direitos e diálogo social para trabalhadoras e trabalhadores do setor de entrega por aplicativo em Brasília e Recife**. São Paulo: CUT; Instituto Observatório Social; OIT, 2021.

EIRAS, Natália. Meme, frustração e dicas: um dia no grupo de zap dos entregadores de app. **Universa**, 26 jan. 2020. Disponível em: <www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/01/26/entregadores-de-aplicativos-usam-grupos-para-trocar-memes-e-frustracoes.htm>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Os caminhos e desafios metodológicos na pesquisa com jovens. In: _____ (Org.). **Pesquisar jovens**: caminhos metodológicos. Lisboa: ICS, 2017. p. 17-32.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo; LIMA, Uallace Moreira (Coord.). **Levantamento sobre o trabalho dos entregadores por aplicativos no Brasil**: relatório 1 de pesquisa. Salvador: UFBA, ago. 2020. Disponível em: <<http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relato%CC%81rio-de-Levantamento-sobre-Entregadores-por-Applicativos-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

GARCIA-PARPET, Marie France; BEVILAQUA, Camila. As novas economias digitais: impacto sobre o trabalho e gig economy: resenha bibliográfica e questões a respeito no Brasil. **Estudos e Perspectivas para o Futuro do Trabalho**, v. 1, n. 1, p. 103-151, set. 2020.

GOMES, Rodrigo. São Paulo inicia fase roxa da quarentena após semana com 2.548 mortes por covid-19. Rede Brasil Atual, São Paulo, 15 mar. 2021. Disponível em: l1nq.com/GNmGT. Acesso em: 9 jun. 2022.

GONSALES, Marco; MODA, Felipe; ACCORSI, André. In: LUCENA, Carlos; PREVITALI, Fabiane; BRETTAS, Anderson. **Pandemia covid-19**: a distopia do século XXI. Uberlândia: Navegando, 2020. p. 97-110.

GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, jan.-abr. 2020.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p. 149-174.

IBGE. **Cidades**: panorama. Brasília: IBGE, 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

_____. **Pnad Contínua**: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

_____. **Pnad Contínua**: séries históricas — taxa de ocupação; rendimento médio. Brasília: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego>. Acesso em: 16 fev. 2023.

JAIME, Patrícia Constante. Pandemia de covid-19: implicações para (in)segurança alimentar e nutricional. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 7, jul. 2020.

LIMA, Jacob Carlos; BRIDI, Maria Aparecida. Trabalho digital e emprego: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. **Cadernos CRH**, Salvador, v.32, n. 86. maio- ago. 2019.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Roberto Veras de. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. **Contemporânea**, São Carlos, v. 11, n. 3, set.- dez. 2021.

MAIA, Dhiego. Motoboys fazem buzinaço em SP por melhor condição de trabalho na crise do coronavírus. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/motoboys-fazem-buzinaco-em-sp-por-melhor-condicao-de-trabalho-na-crise-do-coronavirus.shtml>. Acesso em: 5 out. 2020.

MOURA, Júlia. Motoboys organizam boicote a aplicativos de entrega em 1º de julho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/motoboys-organizam-boicote-a-aplicativos-de-entrega-em-1o-de-julho.shtml>>. Acesso em: 5 out. 2020.

MORAES, Rodrigo Bombonati de Souza; OLIVEIRA, Marco Antonio Gonsales de; ACCORSI, André. Uberização do trabalho: a percepção dos motoristas de transporte particular por aplicativo. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 647- 681, set.-dez. 2019.

MOCELIN, Daniel Gustavo; SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa da. O telemarketing e o perfil sócio-ocupacional dos empregados em call centers. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 365-387, mai.- ago. 2008.

NERI, Marcelo; OSORIO, Manuel Camillo. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. **Revista Necat**, v. 10, n. 19, jan.-jun. 2021.

NUNES, Renata Cristina. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia de covid-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, p. 1-13, 2021.

OIT. **Emprego juvenil no Brasil**. Brasília: OIT, 2015. Disponível em: <www.ilo.org/brasilia/temas/emprego/WCMS_618420/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 24 jan. 2022.

- _____. **Trabalhadores jovens serão duramente atingidos pelas consequências econômicas da covid-19.** Brasília: OIT, 16 abr. 2020. Disponível em: <www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_741875/lang-pt/index.htm>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego.** São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- _____. Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos. **Observatório do Ensino Médio**, 2007. Disponível em: <<https://observatoriodoensinomedio.ufrpr.br/wp-content/uploads/2014/04/situac3a7c3a3o-do-jovem-no-mercado-de-trabalho-marcio-pochman.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- PRATES, Ian et al. Desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho em meio à pandemia. **Informativo Desigualdades Raciais e Covid-19**, n. 7, 2021. Disponível em: <<https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Informativo-7-Desigualdades-raciais-e-de-ge%CC%82nero-no-mercado-de-trabalho-em-meio-a%CC%80-pandemia.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- REIS, Antero Maximiliano Dias dos. **Corpos juvenis, disciplina e antidisiplina: experiências de trabalho nos fast-foods (Florianópolis 2000-2008).** **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 23, p. 71-85, 2012.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 15-38.
- ROSENBLAT, Alex. **Uberland: how algorithms are rewriting the rules of work.** Oakland: University of California Press, 2018.
- SABOIA, João et al. **O mercado de trabalho no Brasil nas crises de 2015/2016 e 2020: semelhanças e diferenças.** Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ, ago. 2021. (Texto para Discussão, n. 25). Disponível em: <www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2021/TD_IE_025_2021_SABOIA_ROCHA_VILLACORTA_MARTINEZ_SOARES.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SABOIA, João. Baixo crescimento econômico e melhora do mercado de trabalho: como entender a aparente contradição?. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 81, 2014.
- _____; BAETA, Fernando; GOMES, Gustavo. **Desalentados no Brasil: caracterização e evolução no período 2014/2019.** Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ, 2020. (Texto para Discussão, n. 3). Disponível em: <www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2020/TD_IE_003_2020_SABOIA_BAETA_GOMES.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SANTOS, Elisabete Figueroa dos; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Fora do jogo?: jovens negros no mercado de trabalho. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. esp., p. 26-37, dez. 2011.
- SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo.** Brasília: Fundação Palmares, 2006.
- SLEE, Tom. **Uberização.** São Paulo: Elefante, 2017.
- SOBRINHO, André; ABRAMO, Helena Wendel. A juventude na mira da pandemia. **Agência Focruz de Notícias**, 26 abr. 2021. Disponível em: <<https://agencia.focruz.br/juventude-na-mira-da-pandemia>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. p. 87-128.
- SRNICEK, Nick. **Platform capitalism.** Cambridge: Polity, 2017.
- UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar: reprovação, abandono e distorção idade-série.** Brasília: Unicef, jan. 2021. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/media/12566/file/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- VAN DOORN, Niels. Trabalho em plataformas é trabalho de minorias. In: GROHMANN, Rafael (Org.). **Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas.** São Paulo: Boitempo, 2021, p. 57-60.
- VENTURI, Gustavo; TORINI, Danilo. **Transições da escola para o trabalho dos jovens homens e mulheres no Brasil.** Genebra: OIT, 2014.
- VINCENT, Diane. Como fazer uma enquete com informantes. In: LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 215-233.